

## O ORAR E O PAI NOSSO

«E aconteceu que, estando ele a orar num certo lugar, quando acabou, Ihe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos. E ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, venha o teu reino; dá-nos cada dia o nosso pão quotidiano; E perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve; e não nos deixes cair em tentação». (Lc 11,1-4).

Indubitavelmente, Jesus é o nosso irmão maior que veio ao mundo em missão de ensino, para dar testemunho da manifestação existencial de Deus na intrínseca interacção da criação e, sobretudo, da sua própria vivência na forma no mais íntimo da alma humana.

E ensinando-nos, disse-nos Jesus: «Deus é espírito e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade» (Jo 4,24). É também de muita importância o que é referido em Lucas 17,20-21: «E interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o Reino de Deus, respondeu-lhes e disse: O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de Deus está entre vós».

Deste modo nos diz Jesus que tudo que procuramos se encontra dentro de nós e atenção! não devemos esquecer, nas nossas orações, que Deus sabe perfeitamente aquilo que necessitamos pelo que deveremos ter muito cuidado com o que vamos pedir através da oração. Razão porque Jesus nos ensina que devemos orar a Deus adorando-o em espírito e em verdade.

Em Mateus 6, 5-7 diz-nos Jesus: «E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai que vê o que está oculto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos».

O convívio íntimo dessa excelsa alma com Deus a quem chamou “o Pai”, revelou-se de uma comunhão perfeita que Ihe proporcionou uma clara visão de síntese do Criador e da criação, permitindo-lhe desenvolver uma eficaz capacidade de transmissão espiritual de sabedoria, que legou aos homens seus irmãos, através de palavras simples acompanhadas de exemplos de situações do dia-a-dia da Humanidade, no intuito de as tornar compreensíveis.

Tudo tem uma razão de ser e, portanto, não foi por acaso que a humanidade teve, no seu seio, uma alma da evolução espiritual que o homem Jesus revelou quando da sua vida terrena através dos ensinamentos preciosos e belos que transmitiu, pois há muito estava profetizado o evento da sua vinda. Esperava-se a chegada de um Messias, de um ungido, de um escolhido, assim como de tantos outros que vieram antes dele.

Do seio da humanidade vários seres hominais, de diferentes escalões evolutivos, vieram ao mundo com a missão de trazer conhecimento espiritual e também científico,

como nos referem historiadores de diversos povos, deixando bem impressa a sua passagem mobilizadora através da acção de ajuda ao progresso evolutivo da humanidade.

E isso não pode ser negado pois a história universal os registou bem como os contributos que deram esses homens espiritualistas e cientistas que para sempre demonstraram que o progresso tem uma forma bem definida de cooperação do ser humano na própria criação, porque nada acontece por acaso e o objectivo a alcançar é o aparecimento de criaturas altamente evoluídas em perfeição e sabedoria.

Os seres que aparecem nos mundos da forma não estão abandonados. A criação demonstra ter um desígnio estabelecido e arquitectado de forma perfeita que se resolve por si mesma.

Pelas descrições que chegaram até nós sabemos que Jesus se ausentava frequentemente do bulício turbulento da agitada vida do mundo, por necessidade de recolhimento íntimo.

Para uma alma da sensibilidade espiritual de Jesus o ambiente em que se movia, de ignorância e perversão, tornava imperiosa a necessidade de renovação das suas energias.

Supostamente refugiava-se no ambiente reparador da natureza, num campo ou num monte, e alimentava a sua alma sedenta da comunhão com Deus através da meditação.

Ele era um ser humano e demonstrou-o no Jardim das Oliveiras quando voltando-se para os discípulos que o acompanhavam, lhes disse: «A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo. E, indo um pouco adiante prostrou-se sobre o seu rosto, (*enquanto os seus discípulos se deixavam adormecer*) orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres». [comentário nosso entre parêntesis] (Mt 26,38-39)

Não obstante, quando crucificado e inundado pela plenitude Divina, com a sua alma límpida roga a Deus dizendo: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem». (Lc 23,34).

O exemplo desta alma sublime veio demonstrar o atraso evolutivo da alma humana na percepção sensível da presença de vibrações amorosas de Deus, essa Centelha Divina que se encontra em nós e nos aconselha na nossa ainda acanhada insuficiência consciencial e restrito entendimento do direito do livre arbítrio, quando dirigido pelos altos valores do Espírito.

Jesus mantinha uma relação de intimidade da sua alma relativa com o absoluto através da oração que lhe permitia uma união de enorme plenitude Divina, cujas poderosas energias vibratórias, acumuladas na sua alma, derramava prodigamente por todos os seres que se encontravam na sua órbita.

No monte Tabor testemunharam Pedro, João e Tiago – porque o acompanhavam no seu recolhimento de oração – um estado alterado de consciência em Jesus transfigurado conforme se encontra relatado no Novo Testamento em Lucas 9,29-32: «Quando estava em oração o seu aspecto transformou-se e a sua roupa ficou de um branco muito brilhante. Nisto dois homens puseram-se a falar com ele. Eram Moisés e Elias, rodeados

de uma luz celestial, a falar da sua morte que ia cumprir-se em Jerusalém. Pedro e os companheiros estavam a cair de sono, mas quando acordaram viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com ele».

Jesus, pelo que sabemos, quando necessitava de meditar ou orar afastava-se da agitação das suas companhias, deixando aos discípulos o cuidado de o irem chamar quando fossem horas de partir e subia a locais isolados onde alimentava a sua alma através da oração.

Não custa a acreditar que quando o iam chamar o encontrassem em situações de alteração de consciência, que os tocava emocionalmente, e desejassem saber entrar naqueles estados de aprofundamento espiritual e tivesse sido esse o motivo porque lhe pediram para os ensinar a orar.

Neste particular, a diferença que nos separa está no facto de que a maioria de nós não atingiu ainda as condições para aquele evento espiritual e oramos a Deus sempre numa perspectiva mendicante, pedindo coisas para satisfação do nosso ego físico, mental e emocional, presos que estamos aos desejos de prazeres e de posses exteriores terrenos, sejam eles físicos, mentais ou emocionais.

Isso não acontecia com Jesus que não recorria a Deus para pedir coisas efémeras mas energias para levar a bom termo a sua missão de fraternidade com toda a humanidade, ligando-se a Deus em perfeita comunhão espiritual pelo entendimento que já tinha da razão de ser da vida e do trajecto objectivo de tudo quanto foi creado.

Ele atingiu a dádiva do amor de Deus e Deus derramava prodigamente sobre Ele todo o poder que o seu amor imanentemente contém e, por tal motivo, se encontra espargido por tudo quanto foi creado.

Jesus mantinha uma relação íntima com Deus através da poderosa oração que decorria de alma para alma, numa conjugação perfeita de entendimento espiritual pela envolvimento do amor de Deus e a receptividade sensível que a alma de Jesus já possuía, o que o levava a concluir que Ele e o Pai são Um.

O exemplo de vida espiritual desta alma elevada vem demonstrar o atraso de evolução em que a nossa humanidade ainda se encontra – longe, muito longe da presença do Creador – onde poucos, muito poucos, alcançaram essa realização e puderam viver os êxtases provocados pelas vibrações de plenitude daquele que nos criou e de que, vivendo em nós em todos os momentos, não temos o mais leve indício consciente da sua presença.

A oração, para Jesus, é derramamento de amor. Para nós, é de mendicidade.

Para Jesus, Ele e o Pai são Um. Para nós, Deus é Deus muito distante e nós somos nós desprotegidos. Pensando bem – e cremos que isto não é complexo – só apenas quando o conseguirmos perceber verificaremos que é apenas uma questão de consciência acordada.

Um espiritualista, Huberto Rohden, um apaixonado pela sublime espiritualidade de Jesus, concluiu que devido aos seus muitos retiros para o meio da natureza, principalmente para o cume dos montes, o que se passava era o seguinte:

Olvidava o mundo em derredor...  
Abismava-se no oceano da divindade...  
Profunda, profundíssimamente...  
Falava com o Pai...  
Num diálogo sem palavras...  
Num monólogo de inefável beatitude...  
Dizia-lhe, em delicioso silêncio, todos aqueles mistérios anónimos que um ser amante diz ao ser amado...  
De alma para alma...  
E escutava o que lhe dizia o Pai do Céu...  
E, nessas longas horas de completa identificação com Deus, sentia Jesus uma torrente de forças imortais a invadir-lhe a alma...  
Sentia que nenhuma ignorância ou maldade humana era capaz de lhe sustar os passos, no caminho redentor que trilhava...  
Sabia que as potências do inferno jamais prevaleceriam contra Ele e o reino de Deus que proclamava sobre a face da Terra.

Foi assim que o viu Huberto Rohden, esse grande pensador, filósofo e escritor espiritualista.

Existem muitos desenvolvimentos do “Pai Nosso” efectuados por muitos espiritualistas que os construíram dentro das suas análises e racionalidades, ajustando-os à forma como estruturaram o seu edifício espiritual.

Orar não é a repetição de frases que nos são ensinadas e que dizemos julgando que, ao fazê-lo, elas têm o poder de serem ouvidas e atendidas.

Orar é abrir a nossa alma ao Creador num diálogo sincero e honesto da nossa alma, em que as palavras que dirigimos a Deus vibrem com a intensidade da luz que possuem, expondo, na sua consciência, aquilo que um filho expressa ao Pai.

E, desse modo, também nos permitimos mencionar uma *oração de um anónimo* que, pelos vistos, inspirou Huberto Rohden no seu Pai Nosso.

“Livra-me Senhor, do mal de eu me isolar na estreiteza do meu pequeno ego humano e perder de vista os vastos horizontes do teu grande TU DIVINO.

Livra-me Senhor, do mal de eu teimar em querer ser o que hoje sou e de me não tornar no que posso vir a ser.

Livra-me Senhor, do mal de eu me conformar com este mundo de egoísmo e de não me transformar naquele grande mundo de amor, personificado em Jesus Cristificado.

Livra-me Senhor, do mal de eu identificar o meu Ser com o meu corpo e de não compreender que eu sou aquilo que sou, essencialmente espírito à tua imagem e semelhança.

Teu Filho».

Um místico tem, deste modo, arroubos de amor e de entrega total ao Criador que ultrapassa o entendimento de quem o observa. A sua alma navega em dimensões ultra compreensíveis que o homem profano das coisas do espírito ainda não compreende e fica abismado no inefável abismo em que aquela criatura, sem hesitação e com plena confiança se lançou, sem nada temer, na profundidade desconhecida do imponderável produzindo, nos seus devaneios espirituais, poemas como aquele que a seguir transcrevemos de um anónimo:

Não me move, Senhor, para querer-vos,  
a Glória que me tendes prometido;  
nem me move o Inferno, tão temido,  
para deixar, por isso, de ofender-vos.

Moveis-me vós, Senhor, move-me o ver-vos  
pregado nessa cruz e escarnecido;  
move-me o vosso corpo tão ferido  
e essa morte que vejo padecer-vos.

Minha alma em vos amar tanto se esmera,  
que inda a faltar o Céu eu vos amara,  
e, não havendo Inferno, vos temera;

nada, por vos amar, de vós, espera;  
pois, se o que espero em vós não esperara,  
o mesmo que vos quero vos quisera.

(Optámos por considerar de autor anónimo este soneto uma vez que ele é atribuído tanto a S. Francisco Xavier como a Sta. Teresa D'Ávila como ainda a Santo Inácio de Loiola, ao frade Pedro de los Reyes, ao Beato Juan de Ávila, a Lope de Vega... Havendo também várias versões, optámos pela que é normalmente atribuída a S. Francisco Xavier)

Quem estuda e aprofunda as coisas do espírito compreende quando Jesus diz: «Eu venci o mundo».

Muitos de nossos irmãos têm seguido caminhos espirituais que os levam a sensibilidades intuitivas e de entrega incondicional aos valores do Espírito Divino, atingindo envoltimentos místicos que os transportam a percepções espirituais indescritíveis que, atingindo emoções muito elevadas, os tornam conhecedores do destino das nossas almas.

Há quem ache que não devemos, em nossas explicações escritas e orais, referir, como base do que afirmamos, as passagens bíblicas onde o Mestre dos Mestres nos consciencializa dos valores Divinos, expressos na Doutrina Crística que Jesus, em missão doutrinária, trouxe à humanidade.

Isto dito por responsáveis de organizações espiritualistas representa, para além de uma irresponsabilidade, a manifestação da ignorância do que se apreende da compreensão do que Jesus nos ensina de uma forma clara e directa que, para todos aqueles que já a têm, a absorvem e a guardam na sua essência, no íntimo dos seus

corações, sejam quais forem as correntes religiosas, linhas espiritualistas ou doutrinas a que se acolhem.

Allan Kardec tinha consciência espiritual desse facto e, por isso, integrou nos cinco livros que representam a codificação do Espiritismo “O Evangelho Segundo o Espiritismo” porque nunca será demais a referência aos ensinamentos de Jesus que comprovam e são básicos das conclusões científicas, morais e espirituais a que chegou o codificador da Doutrina Espírita.

A mensagem crística constitui-se numa doutrina imprescindível a todos aqueles que procuram a sua identidade perdida porque nos leva à compreensão da razão da existência do Creador que está em nós, que somos vida da vida de Deus.

É a oração o meio de diálogo que nos leva a aproximarmo-nos do Creador se o fizermos com pureza de coração e de alma aberta ao fluxo do amor Divino, com a simplicidade dos humildes e a honestidade dos justos.

Jesus orava a Deus por si, por todos os seres creados e também, antes de partir e dar as suas últimas recomendações aos apóstolos, orou por eles pedindo a Deus que os guardasse. (Jo 17,1-26).

Segundo o “Novo Testamento” foi assim, em resposta ao pedido dos apóstolos, que Jesus legou a toda a humanidade a oração do “Pai Nosso”

«Portanto vós oreis assim:  
Pai nosso, que estás nos céus;  
santificado seja o teu nome;  
Venha a nós o teu reino;  
Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu;  
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;  
E perdoa-nos Senhor as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;  
E não nos deixes cair em tentação;  
mas livra-nos do mal; porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre. Amen»  
(Mt 6,9-13).

Se conseguirmos compreender, em toda a sua extensão e profundidade, o que esta oração representa, verificaremos que ela abrange todo um conhecimento dos desígnios da criação que nos levará ao entendimento não só do nosso objectivo de crescimento espiritual para atingirmos os altos desígnios dos Filhos da Luz mas também a uma consciência plena de Deus e de todos os Seres creados.

### "PAI NOSSO, QUE ESTAIS NOS CÉUS"

Jesus chamou-lhe Pai e sempre que dele falava ou com Ele entrava em contacto espiritual, era nesses termos que tudo decorria.

Sendo Deus o Creador e sendo nós creados à sua imagem e semelhança e sendo ainda Deus absoluto, e por tal motivo de si próprio tudo foi criado, torna-se assim natural que lhe chamemos "Pai", pois dele proviemos e somos Ser.

Também da parte de Deus está escrito que Ele nos trata por filhos como, por exemplo, referindo-se a Jesus diz: «Este é o meu filho muito amado» (Mt 17,5). Não é que Deus faça distinção entre muito amados e pouco amados, mas Jesus já tinha atingido a consciência cósmica e estava em missão de esclarecimento a toda a humanidade.

Ao orarmos a Deus é pois naturalíssimo tratar Deus por Pai, visto que, na realidade, Ele é verdadeiramente o nosso PAI/MÃE.

Os nossos pais terrenos são pais biológicos e, mesmo nesse sentido, os próprios elementos reprodutores fazem parte do contexto do que foi criado por Deus o que nos leva a perceber que nós, fazendo parte dos desígnios da criação, cooperamos nela como veículos de continuidade na formação dos corpos materiais que nos proporcionam a experiência da vida nos mundos da forma.

Essa cooperação é de tal ordem íntima que leva os seres ao sentimento do amor paternal/maternal e filial, ou não fôssemos herdeiros dos atributos Divinos.

Esta constatação vem demonstrar que a criação foi architectada de molde a que tudo participe no objectivo evolutivo, pelo que assim se compreende que ela se resolva em si mesma, porque tudo está em tudo e tudo influencia tudo.

Ao tratarmos Deus por "Pai", estamos-nos ligando a Ele pelo sentimento de Paternidade, o que nos leva a expressar o amor filial cuja vibração atrai o amor paternal por afinidade e que, fundindo-se, se transmuta em amor universal.

Assim se compreende racionalmente que, sendo todos irmãos e Deus Pai de todos nós, mais não somos que uma única família de união espiritual projectada para a culminância de podermos dizer que nós e o Pai somos Um, tal como Jesus o pôde perceber.

Nestes termos é importante que, ao orarmos a Deus como Jesus nos ensinou, tenhamos esta visão de síntese que nos leva a expressar através das vibrações amorosas da nossa alma, uma consciencialização límpida do todo e da realidade.

Possamos também compreender que Deus, sendo o Creador, já existia antes de tudo quanto foi criado e, por isso, não havia mundos da forma e Ele se encontrava em transcendência. Logo, Ele é Transcendente e Imanente e Jesus fala-nos no Reino dos Céus, onde Deus reina em absoluto porque está em toda a parte – imanentemente.

O Reino dos Céus é o Reino de Deus porque, estando Ele em toda a parte, através dos seus poderes infinitos consignados intrinsecamente na própria criação, rege todo o processo evolutivo rumo à concretização do objectivo a atingir, ou seja, o aparecimento de Seres altamente evoluídos de extrema perfeição e sabedoria.

Razão porque os seres têm que nascer de novo tal como a Nicodemos diz Jesus, visto termos sido criados em simplicidade e ignorância, pela razão óbvia de nos consciencializarmos vivendo pois só vivendo se sabe: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus» (Jo 3,3).

O Reino dos Céus é algo que temos que alcançar para vivermos em plena felicidade e sabedoria, o que só acontecerá quando atingirmos as condições necessárias de perfeição e sabedoria.

E disto nos esclarece Jesus: «E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o Reino de Deus, respondeu-lhes e disse: O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: ei-lo aqui! ou: ei-lo ali! Porque eis que o reino de Deus está entre vós» (Lc 17,20-21).

Com todos estes ensinamentos de Jesus ficamos a saber que tudo se encontra no mais íntimo da nossa alma, inclusivamente o Reino de Deus.

Falta-nos pois adquirir essa consciência, que é abrangente, e todo aquele que está em luta pela sua transformação deve, em suas orações, interiorizar-se sabendo já que a procura de Deus, Nosso Pai, não se encontra aqui ou acolá mas no sacrário da sua própria alma, o Tesouro a encontrar.

#### "SANTIFICADO SEJA O TEU NOME"

Naquele tempo os judeus, e não só, davam aos seus filhos nomes que representavam algum predicado que lhes parecia que a criança possuía ou que, no seu entender, gostariam que assim fosse. Desta forma os nomes atribuídos a pessoas tinham um significado.

Como por exemplo:

Saulo	O que é terno e dedicado
José	Deus acrescenta
Jesus	O Salvador
Apolónio	O que nunca morre
Etc.	

No caso da palavra Deus, e se tal fosse possível, nós teríamos um significado: AMOR INCONDICIONAL. Mas como não é possível porque se trata de um Ser absoluto, acreditamos que o assunto é mais profundo do que aquele que possa ser julgado na superficialidade a que a ignorância nos acostuma.

Para que pudéssemos perceber o que é santificar o nome de Deus, teríamos de saber qual o seu nome e criar as condições necessárias que nos levassem a pronunciar-lo correctamente a fim de que houvesse uma identificação perfeita que possibilitasse o necessário reconhecimento.

Por outro lado, o Nome de Deus significa a manifestação de Deus em toda a sua criação visível aos nossos órgãos sensoriais, onde Deus se encontra em absoluta imanência sem que tenhamos consciência material e espiritual dessa verdade.

Toda essa grandiosidade e deslumbrante visibilidade se espraia perante os nossos olhos, que desconhecem o que ela encerra em si mesma, porque está oculta a essência Divina que a creou.

Tomando como princípio que o nome representa os poderes de quem o possui, poderemos dizer, embora não o saibamos, que esse nome é a representação dessa manifestação cósmica incomparável que levou Hermes Trismegisto a compor a Sinfonia das Esferas.

Não sabemos o seu nome mas sabemos a sua manifestação grandiosa em nós e em toda a restante criação que é a exemplificação do seu nome.

### Sinfonia das Esferas

Arma-te com a tocha dos Mistérios.  
e na noite terrestre  
Descobrirás o Teu Duplo Luminoso,  
A tua Alma Celeste

Segue o Guia Divino  
E que ele seja o teu génio.  
Pois ele tem a chave das tuas existências  
Passadas e Futuras

Escutai em vós mesmos  
E olhai no Infinito  
Do Espaço e do Tempo

Aí ouve-se o canto dos Astros,  
A voz dos números,  
A Harmonia das Esferas.

Cada Sol  
É um pensamento de Deus, e cada planeta  
Um modo deste Pensamento.

Conhecer o Pensamento Divino, ó, Almas  
É a razão pela qual vós desceis  
E subis penosamente  
O Caminho dos Céus.

Que fazem os Astros?  
Que dizem os números?  
Que rolam as esferas?

Ó almas perdidas ou Salvas!

Eles dizem,  
Eles cantam,  
Eles rolam os vossos destinos!

Hermes Trismegisto

Deste modo, resta-nos olhar e admirar toda a majestade da criação que se desenrola a nossos pés para que através dessa magnitude o possamos centrar nas nossas orações, no altar dos nossos corações e de senti-lo santificado no sacrário da nossa alma.

O nome de Deus são as cascatas de água límpida que jorram descendo pelos montes, são as infindáveis arborizações que despontam em montes e vales extremamente floridos de cores incomparáveis e de frutos deliciosos, são os arco-íris que se desvendam depois das nuvens terem derramado a sua água por toda a natureza fertilizando-a, são o firmamento cheio de astros luminosos numa exposição indescritível, são o nascer do sol em cada dia dando o seu calor a toda a uma paisagem exuberante e, como culminância de tudo isto, o grande milagre da vida com a diversidade de seres nos quais penetra, desde sempre, o princípio inteligente que brota da essência Divina que habita em tudo, repleto de equilíbrio e harmonização, regido pelo superior arcano do Universo: o Amor.

Sendo portanto o nome de Deus tudo isto, devemos referenciá-lo com todo o amor da nossa alma santificando-O porque tudo é obra e manifestação Divina.

É neste sentido que só os acordados para a realidade do espírito expressam no mais íntimo das suas almas "Santificado seja o teu nome".

Enche-se em mim um Oceano de Alegria  
Ó Deus do Universo!...  
E fico repleto de Felicidade  
Ó Universo de Deus!...

Em oração dizem, pois, através dos seus lábios, aquilo que a sua alma compreende pois que sendo Deus tudo, santificam em si mesmos tudo porque tudo é Deus.

E, desse modo, acolhe-o no altar do teu coração e santifica-o no sacrário da tua alma.

"VENHA A NÓS O TEU REINO"

No mundo em que vivemos, um reino é um território devidamente demarcado com as suas fronteiras onde vive um povo unido por diversas características comuns, tendo um dos seus componentes como soberano ou soberana a quem chamam de rei ou de rainha.

É pois um espaço geográfico limitado dentro das suas fronteiras, situado em qualquer ponto do globo terrestre.

Jesus fez do Reino de Deus o ponto central da sua mensagem.

À volta do Reino de Deus, Ele constrói as suas parábolas e alegorias de uma forma simples e compreensível visto tratar-se, de uma maneira geral, de histórias correlacionadas com o que acontece no dia-a-dia das criaturas e, deste modo, lhes transmite os ensinamentos que os podem fazer perceber a razão de ser da vida.

O Reino de Deus ou o Reino dos Céus são o mesmo reino e, para Jesus, ele está presente e não virá num futuro mais ou menos remoto, ele está entre nós. O Reino de Deus é uma realidade presente.

O Reino de Deus, como qualquer outro reino, tem as suas leis que regem o bom funcionamento do reino e das criaturas. Para o conhecer teremos que saber onde se situa e lá poderemos aprender essas leis que, uma vez compreendidas e respeitadas, nos erguerão à sabedoria e à comunhão com o nosso Creador.

Onde fica esse reino tão secreto que leva qualquer alma que o descubra a desembocar nele e que se diz de esplendorosa luz, de paz, de felicidade, de verdadeiro amor, aureolado de imensa sabedoria e onde, ao contrário dos reinos deste mundo, não existem fronteiras por ser infinito?

Pensamos que esse Reino simbolizado por Jesus se encontra na Consciência do Todo.

Não se trata pois de um reino que consista numa sociedade burocraticamente organizada mas de um reino espiritual que constitui a realidade perene, em que as leis foram criadas por Deus para bem dos seres que as consciencializam e as observam, baseadas no Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós próprios.

Em Lucas 17,20-24 diz-nos Jesus: «O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o reino de Deus está entre vós. E disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis. E dir-vos-ão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali! Não vades, nem os sigais, porque como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do Homem no seu dia». Não nos enganemos portanto.

Estando o Reino de Deus em nós, não precisamos que nos digam que ele está ali ou acolá; basta-nos procurá-lo em nós mesmos com a vontade determinada de quem procura um tesouro que sabe que existe e onde se encontra mas que ainda não o encontrou. (Parábolas da Pérola e do Tesouro Escondido.)

Tende bem presente o que nos foi dito: "Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro" (Jo 17,3), porque o Reino de Deus é o próprio Creador e basta-nos mergulhar no oceano do seu amor infinito.

Jesus tem pleno conhecimento espiritual que todos os homens participam da natureza Divina e que o espírito de Deus, em sua essência, habita em nós o que nos outorga termos o Reino dos Céus em nós, só que ainda não possuímos essa consciência.

Tudo reside em encontrarmos o caminho estreito e a porta apertada que dá acesso ao Reino de Deus. (Mt 7,14).

O Homem terá que se debruçar positivamente sobre si mesmo com a vontade férrea de ultrapassar as reencarnações de prova deixando de esbanjar toda a herança com que a Divindade o presenteou a seu próprio pedido, firmando-se na obtenção do conhecimento necessário para a sua transformação e para alcançar o Reino de Deus, que se encontra tão perto e tão longe (Parábola do Filho Pródigo).

O Reino de Deus, embora presente na alma humana, não se tornará explícito enquanto o Homem não criar, em si, as condições propícias para o seu advento.

A este advento chama Jesus “o Nascer de Novo” pois «quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus» (Jo 3,3).

Quando orares tem na tua mente todo este processo para que as vibrações emitidas pela tua alma encontrem a receptividade do Espírito Universal: Deus.

"SEJA FEITA A TUA VONTADE ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU"

Ao pronunciarmos esta frase fica a ideia de que, queiramos ou não, nada mais teremos que fazer do que nos dobrarmos à vontade de Deus se não queremos sofrer e passar por dolorosos tormentos nos Mundos da forma.

Este pensamento deve-se à ignorância da magnitude do Divino pelo Homem, pois Deus é amor e a nada obriga desejando que todos os Seres regressem a casa, não vergados ao peso da sua poderosa vontade mas em perfeita liberdade, impulsionados pelo direito que Ele próprio outorgou ao Homem - o Livre Arbítrio.

Quando o Homem diz com honestidade: "Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu" é porque já possui a consciência dos seus desvarios e já entendeu que o que Deus pretende de si é precisamente a sua ascensão aos níveis superiores da sua própria natureza, onde a felicidade e a sabedoria revelam a realidade dos Filhos do Homem, transmutados em Filhos da Luz.

A criação, dotada da lei de Evolução que se encontra revestida dos elementos necessários ao Homem para adquirir o entendimento da vida em tudo que a constitui vai, ao longo de milénios de vidas, proporcionando-lhe a experientiação requerida levando-o a construir, por si só, a consciência de tudo o que o rodeia.

E, deste modo, vai naturalmente verificar que os verdadeiros valores, revertidos em leis de amor, são aqueles que produzem a Luz que elimina as trevas que possuem o sofrimento.

Não chegará à Casa do Pai como que rebocado pela sabedoria externa e ilusória seja do que for mas por mérito próprio e de livre vontade, extraído do seu interior, onde tudo se encontra em potência provindo da fonte de água viva que referiu Jesus à Samaritana.

Deste modo, porque Deus também nos dotou de inteligência, o que pedimos é que a vontade de Deus, que existe nos céus onde reina o Creador em felicidade e sabedoria com todos os seres que já se encontram em seu seio espiritual, seja observada também na Terra.

Perante aquilo que presenciamos de cruel e de indigno praticado pelos seres humanos nas suas vidas nos mundos materiais, parece-nos que o mal vence sempre o bem, mas tudo isso – Mal e Bem – faz parte da estrutura evolutiva para quem entende a razão de ser de tudo quanto acontece na experiência da vida, porque Deus é o Bem e o mal é a experiência rectificativa para consciencializar o Homem dos valores Divinos.

O Ser consciente, portanto, pede que a vontade Divina seja feita em detrimento da sua porque já consciencializou os trâmites do percurso evolutivo. O contrário seria uma

incongruência visto a vontade Divina jamais ter deixado de ser cumprida desde o princípio em que tudo foi criado.

Só os seres realizados podem, em consciência, orar como Jesus orou quando, em angústia, expressou ao Pai: «Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres» (Mt 26,39).

Deste modo, quando pedimos que esse cumprimento se realize, ainda que doloroso para a nossa consciência imperfeita, tenhamos a certeza de que não foi Deus que nos enviou esse sofrimento mas nós o causámos e precisamos de o experienciar, vivendo, para que passe a fazer parte do nosso crescimento espiritual de sabedoria como já é agora observado pelos seres espiritualizados.

Jesus vivia plenamente este conceito pois que, em determinada ocasião, declarou: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra» (Jo 4,34).

Este é o Homem plenamente substanciado pela doutrina que trouxe ao mundo, que une harmonizando a sua vontade à vontade Divina em perfeita sintonia com o Deus do mundo.

Na verdade, tanto mais realista e racional é o Homem quanto mais espiritual e místico, porque Deus – O Espírito Infinito – é também a razão sem limites e a realidade absoluta.

Quando orarmos este trecho tão importante da oração que Jesus nos legou, saibamos, no nosso silêncio, que Deus nos criou em liberdade e façamos conscientemente o pedido que nos permita harmonizar a nossa vontade com a Dele na certeza de que, ao sintonizá-la, encontrámos o caminho da verdadeira libertação.

#### "O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE"

Segundo Huberto Rohden, esta frase de Jesus tem criado controvérsia entre estudiosos e pensadores, com diferentes interpretações ao longo dos tempos, de S. Jerónimo aos modernos exegetas.

Passamos a expor a argumentação de Huberto Rohden resumindo-a com palavras nossas e dele: Como é sabido, Jesus falava o aramaico e as traduções foram, na generalidade, feitas em grego e latim e tiveram muitas alterações posteriormente.

A palavra que foi usada para designar "Pão nosso de cada dia" foi a palavra grega "Epiouos" que, apesar de muito procurada no vocabulário grego não foi encontrada, o que leva a crer que foi o vocábulo criado que melhor poderia exprimir aquilo que Jesus queria dizer.

Mas dizem os estudiosos de línguas antigas que se descobre com facilidade o sentido do vocábulo criado partindo de dois radicais gregos conhecidos: "EPI" prefixo que significa *Conforme* e "OUSIA" que quer dizer *Natureza*, ou seja, substância, essência, substantivo derivado do verbo "Einai", que significa *Ser*.

Desta forma "Ousia" exprime *A essência*, aquilo pelo qual uma coisa É.

A palavra "Epioua" seria pois *Aquilo que é conforme à natureza – "Aquilo que corresponde à essência"*.

Disto se conclui que Jesus disse de facto o seguinte: "Pai dá-nos hoje tudo aquilo que é conforme à nossa natureza".

Curiosamente, S. Jerónimo chega também a esta conclusão vernácula, mas dá-lhe ainda outro sentido que o torna de cariz sobrenatural.

Assim temos "Pai dos céus, dá-nos hoje tudo aquilo que é conforme à nossa natureza". E assim nos voltamos a encontrar com Jesus, na sua capacidade de transmitir o real que ele sabia que era "Espírito".

Assim pensou e aceitou Huberto Rohden esta versão que quem compreende o sentido esotérico das coisas espirituais bem entende porque, na sua demanda, é isso que o Homem procura: "Encontrar-se a si mesmo" no contacto directo com a essência do seu verdadeiro Ser.

No entanto, não queremos dizer com isto que o veículo material que nos proporciona a aprendizagem não precisa de ser alimentado e cuidado pois ele é o nosso fiel companheiro nas diversas vidas evolutivas através de toda a criação.

Quando, no Génesis, alegoricamente o Homem foi expulso do paraíso, foi condenado a prover ao seu alimento através do seu trabalho nos mundos da forma.

Dai-nos pois, Senhor, a compreensão para que tenhamos consciência da nossa natureza – da essência divina que é vida em nós – para deixarmos de vez a prisão material e nos libertarmos da condição de escravatura a que ela nos sujeita para que a nossa alma possa viver em plena liberdade, verdade e amor.

"E PERDOA-NOS SENHOR AS NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES"

Quando Deus arquitectou toda a criação estabeleceu intrinsecamente, de forma justa e equilibrada, leis que acompanharam como complemento rectificador a Lei da Evolução dos seres para que pudessem atingir a perfeição e o conhecimento de si mesmos e de toda a criação não só teoricamente mas na prática de vivência nos mundos materiais, a fim de que obtivessem as condições requeridas de pureza e sabedoria, que lhes permitissem juntarem-se ao Creador e serem Um com Ele.

Desse modo, chamou-se à principal lei a "Lei de Causa e Efeito". Sucintamente, passamos a descrever o nosso modo de entender e de perceber o seu funcionamento, em dez itens.

#### Lei de Causa e Efeito

1- A Lei de Causa e Efeito acompanha e regula os seres na sua evolução em experiências vividas nos mundos da forma, desdobrando-se ao longo de milénios, ajustando e reajustando a expansão da consciência humana.

2 - Seria impossível – e isso é óbvio – que, numa única vida, o Homem conseguisse o aperfeiçoamento para a reintegração Divina pelo que a Lei de Causa e Efeito tem como consequência uma outra lei: "A Lei da Reencarnação".

3 - A consciência do Ser desenvolve-se no compreender e aprender em milhares de vidas, tornando-se cada vez mais abrangente em compreensão e sabedoria. A isso se chama "Evolução Espiritual".

4 - Todas as acções do Ser em evolução, quer positivas, quer negativas, nas áreas física/mental/emocional, ficam registadas acompanhando o progresso evolutivo do Homem no seu trajecto, sendo garante rigoroso da autenticidade da Justiça Divina que é parte integrante da criação. Não é uma Lei de Talião mas sim uma lei de amor que visa, sobretudo, regular o aperfeiçoamento do Ser.

5 - O Homem é um Ser espiritual em experiência de vida humana. Sempre que o Ser reencarna, é feito o seu plano de vida em função das suas necessidades de experiência, com base nos seus registos.

6 - Sem determinismo visto o Homem ser dotado de livre arbítrio, são conjugados todos os elementos, nesse plano de vida reencarnacionista, quer de situações possíveis a serem criadas quer de planos de outros intervenientes possíveis que virão a formar o seu círculo familiar e de relacionamento, a fim de que tudo e todos possam beneficiar de poderem atingir os seus objectivos de crescimento espiritual.

7 - Tal como o nome indica, há causas e efeitos. Para que o Homem possa saber terá que viver, como é óbvio, os efeitos das causas. As causas são produzidas pelo Homem em vidas anteriores e algumas também na presente existência.

8 - Toda a dor de qualquer natureza que atinge o Ser foi o próprio Homem que a produziu em vidas passadas ou mesmo na presente, em suas negatividades gerais que, vividas, lhes dão a consciência do mal que causou.

9 - A Lei de Causa e Efeito também tem atenuantes quando deliberadamente o Homem toma consciência do mal realizado. É um paradoxo mas o sofrimento transforma-se num bem, razão porque aqueles que adquiriram este conhecimento não se revoltam contra ele, mas aceitam-no.

10 - Deus é amor, não criou o mal. O chamado mal é produzido pela inevitável parte complementar do mundo que o próprio Homem criou.

Deste modo, o ser que ao orar o Pai Nosso inclui esta petição, demonstra que tem consciência das suas negatividades e pede perdão a Deus por elas pois se encontra em dívida com os seus semelhantes por serem dívidas de perfeição da sua natureza espiritual, não se esquecendo de acrescentar que perdoa também aos seus devedores.

O perdoar aos seus devedores também representa conhecimento das leis de acção, reacção e interacção, visto que, quer no caso negativo quer no caso positivo, a acção provoca sempre uma reacção, a qual se desenvolve numa interacção pois existirá sempre o retorno que se traduzirá em sofrimento ou em manifestação de amor.

E NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO, MAS LIVRA-NOS DO MAL; PORQUE TEU É O REINO E O PODER, E A GLÓRIA, PARA SEMPRE

As vidas reencarnatórias nos mundos da forma não servem apenas para a experiência e obtenção de conhecimentos, sobretudo das leis Divinas, mas também servem de teste aos nossos conhecimentos espirituais da razão de ser da vida.

Algumas versões bíblicas usam a expressão "não nos induzas em tentação". Pensamos que não é uma tradução correcta pois Jesus nunca poderia dizer "E não nos induzas em tentação" mas sim "Não nos deixes cair quando estivermos em tentação".

Sabemos que os Evangelhos tiveram modificações por diversos motivos, mas pensamos que, de qualquer modo, isto são palavras contidas em diferentes traduções, feitas com diversos critérios de análise e interesses, certos ou errados, e apenas há que retirar o espírito da letra e aprofundar o sentido espiritual.

Deste modo não poderemos esquecer que Jesus também sofreu tentação. Quando isolado no deserto teve que decidir se abraçava o Mundo (Mt 4,1-11) ou se realizava a tarefa para que foi escolhido com a sua concordância.

Escreveu-se que foi tentado pelo Diabo, mas hoje já ninguém com senso acredita na existência do diabo mas sim na personalidade humana capaz dos maiores crimes, de cujo testemunho não necessitamos porque os temos observado in loco, neste mundo, nas nossas vidas terrenas.

O Homem sempre criou bodes expiatórios para alijar de si as culpas que apenas lhe cabem.

Tudo tem que passar pelo crivo da razão e pelo teste para comprovar se qualquer valor Divino já está consciencializado em nós e, por via disso, já nos pertence e faz parte do nosso modo de estar na vida quando o enfrentamos numa nova situação.

E logo a seguir a petição diz: "Mas livra-nos do mal" o que é um pedido bem humano pois que, para sermos livres do mal, teremos de erradicar de nós aquilo a que chamamos mal e isso é uma tarefa que pertence a nós e só a nós, através da nossa transformação.

Em João 17,1-3 Jesus falou assim: «Pai é chegada a hora; glorifica o teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta; que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste».

E a concluir a petição "Porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre. *Ámen*", *Ámen* que quer dizer *Assim seja*.

E deste modo, assim termina a petição com o reconhecimento de que só há um Deus, o qual é Absoluto.

Orando o nosso Pai Nosso

Também nós compilámos o nosso Pai Nosso dentro da nossa racionalidade e compreensão que, como é óbvio, se enquadra no contexto dos limites da nossa evolução:

Pai Nosso, que estais nos Céus, imanente e transcendente em abrangência absoluta, Creador de todas as coisas imanadas de tua natureza espiritual de onde tudo proveio, cuja totalidade transcendes para além do visível aos nossos órgãos sensoriais nos mundos da forma porque estás para além da soma de tudo que foi criado como um desdobramento de ti mesmo, como ser incriado sem principio nem fim.

Santificado seja o teu nome representado pelas maravilhas incomensuráveis que creaste em todo o Universo de vida fulgurante e activa, que o possamos santificar conscientemente no altar dos nossos corações e no secreto sacrário das nossas almas, porque Jesus nos ensinou que te amássemos sobre todas as coisas.

Venha a nós o teu reino porque sabemos que o teu reino é o reino do amor, da paz, da harmonia e de todos os sentimentos elevados que legam aos Seres a felicidade e a sabedoria, onde a Luz é resplandecente e o símbolo da perfeição, porque Jesus nos convidou a sermos perfeitos como Tu o és nos Céus. Dai-nos pois a força e a determinação para o alcançarmos pois sabemos que ele se encontra dentro de nós e que temos que ser nós a criar as condições, transformando-nos, para podermos encontrar franqueadas a estrada estreita e a porta apertada.

Seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus, porque nos creaste destinados à infinitude da vida a sermos Um contigo, não por nos coagires contra a nossa vontade mas concedendo-nos o livre arbítrio que, quando o entendermos, te pedimos Pai que permitas que alcancemos a sintonia entre a nossa vontade e a tua porque sabemos que ela nos dirige para os mais altos voos do espírito.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, porque por nossa livre vontade esbanjámos as riquezas dos ditames da nossa natureza espiritual e fizemos dela a iniquidade das nossas acções e pensamentos. Permite-nos o regresso ao teu seio e que, até lá, possamos ter o alimento da nossa alma e do nosso veículo físico que nos permite evoluir nos mundos da forma e recuperar, pelo conhecimento, a nossa filiação Divina em toda a sua pureza.

E perdoa-nos Senhor as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores porque já possuímos a consciência de todo o mal que temos praticado ao longo das nossas vidas através dos mundos materiais, e Jesus nos consciencializou que é dando que se recebe e devemos fazer aos outros nossos irmãos, que são todos os seres vivos criados por ti, aquilo que gostaríamos que nos fizessem.

E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o reino e o poder, e a glória para sempre, porque ainda confundimos o nosso corpo efémero, subjugado pelo nosso ego, com a realidade da nossa alma espiritual como provam os nossos testes de conhecimento, não conseguindo ter a consciência do nosso Eu Divino, porque ainda cedemos às directivas impostas pelo ego humano e não temos a clareza consciencial de nos esforçarmos para alcançar aquilo que, por tua determinação e objectivo evolutivo, viremos a ser. Amando-vos, Senhor, apelamos à vossa ilimitada compaixão. Que assim seja.

19-09-1979 Abrame